

RODRIGUES, Hosana Suelen Justino e Leonardo Damasceno de Sá. "Coração de mãe é terra que ninguém anda: Um estudo das redes, 'tramas' e conflitos de mães em lutos nas favelas à beira-mar". *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 40, pp. 37-45, abril de 2015. ISSN 1676-8965

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Coração de mãe é terra que ninguém anda

Um estudo das redes, "tramas" e conflitos de mães em luto nas favelas à beira-mar

Hosana Suelen Justino Rodrigues
Leonardo Damasceno de Sá

Recebido: 10.09.2014

Aprovado: 08.01.2015

Resumo: Dona Ana, 65 anos, moradora de favela, até hoje pranteia a morte de seu filho assassinado. A rotina de Dona Ana depois de dois anos da morte de seu filho nos permite perceber o modo com ela vivencia e concebe a dor e o sofrimento por perdê-lo em situações de violência. Esse sentimento é compartilhado por várias mães em situação de luto, como ela, que se comunicam devido, entre outras situações, serem parentes, amigas, vizinhas, conhecidas e às vezes cresceram juntas. Elas interagem como mães em luto por meio da dor resultante da perda, formando uma microrrede de interações sociais e simbólicas (GOFFMAN, 1983) que se realiza, principalmente, por conversas informais e práticas de fofocas (BAILEY, 1971). A comunicação das mães em luto é limitada, por vezes truncada e marcada por silêncios (VENNA DAS, 1999). Uma das razões para isso é que em alguns casos os filhos de umas mataram os filhos de outras. Os homicídios desses jovens fazem parte de uma rede de homicídios que são alimentados pelo sentimento de vingança. Neste contexto, nosso objetivo é analisar como as mães por causa de seus filhos mortos em situação de violência de morte matada por armas de fogo, vivenciam, representam e experienciam o luto formando uma rede informal de mães que funciona como elo de aproximações e de disputas entre as mesmas. O lócus da nossa pesquisa foi o Serviluz, localizado no bairro Cais do Porto em Fortaleza, CE, lugar onde realizamos uma pesquisa etnográfica durante o ano de 2014. **Palavras chaves:** mães de assassino, mães de assassinados, dor, microrrede de mães.

Mães de filhos do assassino e mães de filhos assassinados

Dona Ana, 65 anos, moradora de favela, até hoje pranteia a morte de seu filho assassinado. A rotina de Dona Ana

depois de dois anos da morte de seu filho nos permite perceber o modo com ela vivencia e concebe a dor e o sofrimento por perder seu filho em situações

de violência¹. Esse sentimento é compartilhado por várias mães² em situação de luto, como ela, que se comunicam devido, entre outras situações, serem parentes, amigas, vizinhas, conhecidas e às vezes cresceram juntas³.

Para as mães, a morte de um filho pode modificar as relações afetuosas que ela tinha anteriormente com a mãe do assassino. A colega, vizinha ou até mesmo o familiar passa a receber uma nova classificação: “mãe do assassino do meu filho”. Por causa da morte de um filho, mães de filhos assassinados e/ou assassinos podem tecer redes de

afeto e de compreensão umas com as outras, unidas pelo fato de “só sabe quem passa o que é perder um filho que você carregou por nove meses.” Em ambas as situações ocorrem laços recíprocos de solidariedade e de tensões, porém, de intensidades e formas diferentes. Foi essas relações o objeto de análise desta pesquisa.

Tentamos aqui compreender como se desenvolvem e funcionam as redes de mães, às vezes silenciosas e invisíveis, que se formam após a morte de seus filhos. Analisando os laços de afetividade, solidariedade e, também, de intrigas e indiferenças entre as mães que trazem em comum a perda de seu filho por morte violenta armada e/ou por terem os seus filhos assassinados pelos filhos umas das outras.

Formulando estas questões procuramos pensar as situações em que as redes de mães se formam e se alimentam em configurações⁴ de contato face a face ou de interações marcadas pelos silêncios e ausências. (GOFFMAN, 1983) Partimos do pressuposto que antes mesmo de qualquer evento de morte, existe entre as pessoas no Serviluz diversas redes que servem a diferentes finalidades. Com a morte abrupta de um filho há uma intensificação de um circuito de mães, que aparentemente trazem como função a busca do consolo, apoio moral e partilha de histórias de saudade. O fenômeno da morte do filho faz com que pessoas que antes

¹O mapa da violência do Ceará (2013) mostra os impactos da violência e da morte sobre as cidades. Conforme o levantamento feito dos homicídios ocorridos entre 1980 a 2011. Houve um crescimento de 326,1% de homicídios de jovens entre 15 e 25 anos por mortes violentas em todo o Brasil. No Ceará, neste mesmo recorte foram computados um aumento de 44,5% de mortes de jovens entre 15 e 24 anos. Para termos uma ideia real foram em 2011, 442 mortes de jovens por causas externas violentas, e em 2011 foram 1105 jovens mortos. Comparado a outros estados o Ceará está na 7ª posição neste ranking. O ranking se constitui da seguinte forma: Alagoas com 66,2%, Espírito Santo com 58,8%, Paraíba com 53,6%, Distrito Federal com 52,1%, Bahia com 51,9%, Rio Grande do Norte com 50,1% e o Ceará em 7º lugar com 44,5% de aumento de mortes entre os jovens por causas de violência. (WAISELFSZ, 2013) Dados estatísticos da Secretaria de Segurança Pública afirmam que o Serviluz está entre as localidades mais perigosas de Fortaleza.

²Entendemos por “mães” as mulheres que cuidam dos filhos, netos, parentes ou vizinhos considerando como seus filhos. A relação mãe-filho para fins desta pesquisa será definida mediante a prerrogativa do laço e da consideração social entre eles. Segundo Fonseca (2000) nas favelas do Rio Grande do Sul é uma prática comum às mulheres cuidarem coletivamente dos filhos umas das outras como se fossem os seus próprios filhos.

³H. Becker (2008) sugere que a vida social não consiste apenas em encontros face a face. As pessoas podem se envolver em interação intensa e persistente ainda que nunca tenham se encontrado pessoalmente. Um exemplo do campo era Dona Socorro que sabia de toda a trajetória de Dona Ana, sem nunca ter conversado com ela.

⁴Para captar esse processo de construção social do luto e das redes de mulheres que dividem sentimentos afins, o conceito de figuração social tornou-se fundamental. Para Elias a sociedade pode ser vista como uma teia de relações em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependência recíproca e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões. Para ele os indivíduos em diversos contextos sociais se encontram em situação de interdependência. No caso dos jovens e das mães do Serviluz podemos apontar a rede de assassinato e luto que se formam, conectando várias famílias e gerações.

eram distantes socialmente da família façam parte da rede de informações sobre as mulheres que estão de luto, pois, estar de luto no Serviluz, é pertencer ao domínio público dentro dessa rede, por meio das fofocas de outros indivíduos.

As dores que as mães em luto sentem terminam por uni-las informalmente em redes. Estas redes carregam como traço comum à morte de filhos jovens em situação de violência armada. Mesmo sabendo que as redes de mães em luto se entrelaçam com outras redes de interações mais amplas. Sendo por elas influenciadas e influenciando sua dinâmica. Como por exemplo, as interferências das instituições e grupos da escola, religião, projetos sociais, polícia, família e amigos.

Na formação desta rede um laço de tensão parece incontornável, pois emerge entre a mãe do assassino e a mãe do assassinado. Após a morte do filho mais velho de D. Ana, sua família entrou numa difícil tensão. Pois, o filho de D. Ana foi morto por seu genro. Sua filha, que é casada com o assassino, teve que modificar suas relações com D. Ana porque o sentimento de vingança que essa mãe deseja é incompatível com o desejo que a filha alimenta para sua família. Percebe-se com este caso, que a morte pode gerar silêncios, distâncias, tensões e até outras mortes entre os moradores.

É uma prática bem conhecida no Serviluz que as famílias precisam “limpar a sua honra”, vingando a morte de seu assassinado. Falar de “quem foi que morreu dessa vez” é uma conversa rotineira para os moradores deste bairro. A política de vida ensina para os jovens que às vezes se você não matar primeiro, você vai morrer depois. A família de D. Ana vive esse momento de ansiedade, por conta do filho do falecido, que tem nove anos, mas afirma que deseja matar o companheiro da tia pela morte de seu pai. A respeito disso,

D. Ana sabe que uma nova morte está para acontecer, seja ela a do assassino ou a do próprio neto. Estas são as regras da favela que vão construindo circuitos de morte. Esta rede de morte está invisivelmente entrelaçada com a rede das mães em luto. Com isso, vale se perguntar: qual a finalidade desta rede de mães, para que ela serve? Ela ajuda a passar a dor ou a nutrir o ódio?

Existem nestas interações sutis e simbólicas uma situação interessante que influencia algumas mães nos seus relatos. Algumas destas mães se colocam no lugar da mãe do assassino com a qual em alguns casos já tiveram alguma interação afetiva e\ou social anterior ao evento. A morte deu a essas mulheres uma nova roupagem para sua relação, separando-as em dois grupos: “mães de assassinos” e “mães de assassinados”.

Vale ressaltar que por motivo de vingança familiar - crime de honra - ou por outros conflitos sociais, o filho que é assassino pode morrer deixando a sua mãe numa nova situação, passando a ser uma mãe de luto⁵, incluindo-a na rede de dor e sofrimento. Porém, o sentimento de vingança que a mãe do assassinado carrega diz respeito apenas ao assassino. Não há entre a mãe do assassino e a mãe do assassinado uma relação de ódio, raiva e vingança. O foco está nas dores, na sua própria e na da mãe do assassino, na qual ela se põe no lugar. “Às vezes eu fico pensando na dor que essa mulher (mãe do assassino) deve sentir quando olha para o filho (vivo) que ela cuidou com tanto gosto.” O que o trabalho de campo mostrou foi que para as mães dos assassinos há pensamentos e sentimentos de empatia e

⁵Tomamos o luto como uma grande família de emoções que incluem diversas variantes de sentimentos como tristeza, saudade, angústia, solidão, medo e sentimentos que envolvem o dar e o receber afeto. O conjunto de emoções que compõe o luto não pode ser entendido se não compreendermos as ações internas e externas que ele envolve e é envolvido.

solidariedade. Uma interlocutora afirma que:

“para ela esta situação também é muito difícil. Ela saber que é mãe de um monstro. Porque me diga o que é uma pessoa que tira a vida outra nesta terra? Só pode ser um monstro. Por isso que a coitada morreu três meses depois do filho. Só pode ter sido de desgosto” (Entrevista na casa de Dona Lúcia, maio de 2014.)

A dor que estas mães sentem não é apenas a da perda de seu filho, mas também é uma dor que emerge como reação diante da rotulação de seus filhos e delas próprias. Rotulação de “mães inadimplentes” que são responsáveis direta ou indiretamente pela vida de criminalidade dos filhos. Estas mães enfrentam o preconceito contra a favela e os favelados tendo que romper com a condição de falar de um lugar despossuído e de um território criminalizado. Algumas mães transformam o luto em prática reivindicativa de justiça enquanto outras não conseguem expor sua dor e vive uma experiência silenciosa e traumática do luto⁶.

Caminho metodológico: as matizes da dor

O Serviluz está inserido na região industrial do complexo portuário do Mucuripe - Fortaleza. Formado por vilas de pescadores, ele é composto por famílias que em sua maioria são despossuídas de recursos sociais e econômicos, que convivem cotidianamente com a

violência em suas diversas manifestações, especialmente homicídios. Em uma rua, por exemplo, em quase todas as casas, segundo relatam os moradores, existem famílias que perderam os filhos ou parentes muito próximos por causa da violência por morte matada. O luto das famílias passa a ser algo pertencente ao cotidiano, especialmente, das mães. Mães que são em sua maioria mulheres sem ou com pouco estudo que vivem das atividades do lar e algumas delas trabalham como faxineiras para complementarem a renda da família. Possuem entre três e cinco filhos, participam ativamente das redes de mulheres da comunidade responsável pela criação dos filhos umas das outras e na troca de favores e conflitos.

Tomamos a abordagem qualitativa, porque ela se mostrou a mais adequada para dar conta da complexidade da dor e da rede de mães que se formam durante o luto dos filhos. Com esta metodologia trabalhamos com as matizes da dor e de todas as relações que estão envolvidas no luto. Captando os sentidos das narrativas, as experiências dos rituais de luto e o entrelaçamento simbólico e afetivo das mães de luto.

As idas ao campo começaram em janeiro de 2014, onde realizamos várias visitas ao Serviluz, no qual tivemos um contato significativo com a trajetória de dor de Dona Ana. Visitei-a diversas vezes, por meio dela fizemos contato com moradores locais, e obtivemos outras indicações de mães com as quais mantivemos conversas informais buscando firmar um primeiro contato para as posteriores entrevistas. Conversamos sobre as influências que a dor do luto provocou nas suas relações familiares e pessoais.

Em conversas informais com os moradores, a expressão dos sentimentos sobre a morte dos outros pode ser vista como um problema que acompanha relações políticas e de poder. O silêncio dos moradores quando questionados

⁶É importante grifar que o foco que trazemos na pesquisa é de mães que nas suas relações cotidianas interagem em forma de rede de solidariedade e tensão, e trazem a morte de um filho como a característica comum que as unem. No campo em questão, não há uma organização política destas mães com a finalidade específica de cuidar do seu luto ou de busca por justiça, como se observa nas Mães do Acari (Rio de Janeiro), Mães de Maio (São Paulo) ou Mães na dor (João Pessoa). As redes as quais observo no campo são formações simbólicas de interação entre elas.

sobre se conheciam mães cujos filhos foram mortos retrata as áreas de forças simbólicas invisíveis que demarcam os limites do que pode ser dito e comentado abertamente. Conforme os dias se passaram, pude receber aos poucos novos elementos sobre como os jovens foram mortos. Porém, estas informações eram dadas com cuidado, sem dizer os nomes, nem dos assassinados, nem de suas mães. Ao longo dos meses essas informações foram sendo compartilhadas de modo mais aberto. Falar de quem morreu, é falar de quem matou, os porquês que estavam envolvidos no processo. Isso fere a intimidade das regras de poder estabelecidos entre eles, seguir estas normas mantém os moradores a salvo de situações de violência e assegura a ajuda que por ventura eles possam necessitar.

Nestas visitas ao Serviluz surgiu o primeiro desafio metodológico apontado pela própria situação de campo. Percebemos que acessar as histórias de dor, as lembranças do filho morto acessavam sentimentos de angústia, tristeza e vingança. Se fosse outra situação fora da pesquisa talvez nós fôssemos cobrados a tomar um posicionamento, oferecer afeto, apoio, concordar ou discordar com a vingança. Mas, de que maneira a nossa posição de pesquisador podemos fazer isso, se nós tínhamos em mente a intenção de visitar outras mulheres na mesma comunidade? Não podemos apoiá-las abertamente, pois cruzamos no seguinte problema: teríamos apoiado a mãe de um filho que matou o filho de outra interlocutora.

Escolhemos então o trabalho de campo etnográfico com o detalhamento em diário de campo, que permitiu a formulação de reformulações metodológicas e criações de mapas mentais, fizemos grupos focais de discussão, por acreditar que é um modo de perceber as singularidades de dor da rede destas mães. Consciente da complexidade que o problema do luto

é como tema de pesquisa, como sugere Irllys Barreira “as redes integrantes de fatos dessa ordem envolvem valores ou sentidos nem sempre imediatamente captados a primeira observação”. (p.p 98: 2001) Por isso optamos pela pesquisa qualitativa por nos permitir alcançar os períodos de silêncio, as zonas de interdito (ALBERTI, 2005; POLLAK, 1989).

A importância desta pesquisa está em dar visibilidade à trajetória de sofrimento destas mulheres que muitas vezes por causa do contexto de desigualdade social em que vivem não conseguem dar destaque aos homicídios de seus filhos por conta da inadimplência e do preconceito dos setores públicos responsáveis pela investigação e punição dos culpados.

Tecendo redes de silêncio e de dor

Como decorrência das mortes de seus filhos as mães passam por um período de luto, e traçam redes de convivência, solidariedade, reciprocidade e silêncio. Para Venna Das (1999) o silenciar é uma forma de falar. “O silêncio envolve a violência feita contra as pessoas” (idem:33). As situações de violência dentro da análise da autora não gera a quebra de comunicação e sim gera novos modos de comunicação, guiados pelo controle sobre as narrativas. Existe, deste modo, uma habilidade de falar sobre a violência que faz parte do domínio das conversas familiares.

A habilidade que delimita os limites invisíveis do que pode ser dito a quem, e em que situação, se encaixa com uma possível “voz do olhar”. Para Goffman (2013) a “desatenção civil” consiste no olhar treinado e orientado para determinados aspectos da realidade que são determinados como não importantes, desinteressantes ou indiferentes nosso corpo para deixa fluir ou impedir determinadas emoções e interações sociais.

As emoções que transcrevemos e vivemos são expressões sociais que se imiscuem no nosso corpo criando padrões culturais para a vivência das emoções. apresentando-se como criações culturais (SARTI, 2001). Elas obedecem a uma teia de significados simbólicos que são direcionados a outras pessoas (KOURY, 1999). Com isso, as experiências emocionais singulares destas mães são produtos relacionais entre indivíduo, cultura e sociedade.

Ao relacionar os estudos de violência e conflito sociais com as abordagens socioantropológicas das emoções, percebemos como ambos os campos podem dialogar de maneira frutífera. Uma releitura das obras dos clássicos como Durkheim, Mauss, Simmel e Weber denotam a importância das emoções como moldagem direta das ações entre o indivíduo e a sociedade, ou, ao contrário permitindo a racionalidade na qual o indivíduo se erige como pessoa social.

A emoção participa do “adesamento civilizatório” e os indivíduos sociais nele erigidos são produtos políticos do jogo configuracional em um dado contexto cultural. Autores contemporâneos como Goffman (1983; 2010; 2013b), Elias (1997; 2001; 2000), Foucault (2007; 2011a; 2011b) e Bourdieu (2009a; 2009b), entre outros, continuam a discussão e abrem novas questões interpretativas sobre as relações entre a emoção na estruturação do social, do cultural e do individual na modernidade. Temática que se aprofunda com Catherine Lutz (1988), Briggitt Rottger (2008), Venna Das (1999; 2007; 2011), Lila Abu-Lughod (1990). No âmbito nacional contamos de maneira significativa com as pesquisas de Guilherme Koury (2012), e Claudia Coelho (2010).

No contexto social do luto as vivências das emoções podem ser usadas como ferramentas de poder e controle social. As emoções na vida pública

proporcionam o entendimento de como as relações de poder que as emoções carregam, agem como estratégia de vida dessas mulheres (REZENDE & COELHO, 2010). O campo mostrou que as mulheres têm usado/canalizado seus sentimentos de dor para conseguirem superar as consequências da morte indesejada dos filhos. Existe nas falas delas todo um ritual de disciplina das emoções, no sentido daquilo que ela pode demonstrar para os outros. Seus familiares funcionam como “agentes do panótico” que inibem certas apresentações das emoções, em determinados contextos e situações, como por exemplo, o choro escondido, ou não falar sobre as várias noites seguidas de insônia. Emoções podem dominar e manipular os outros tanto pelo afeto, quanto pela co-dependência e a humilhação, entre os outros aspectos. Machucar a alma é mais eficaz que machucar o corpo (FOUCAULT, 2011).

Com esta manipulação das emoções há uma performance dos indivíduos em busca de uma “representação do eu” na rede de mães e de familiares. Segundo Goffman (2010), as performances de comportamento social nos fazem escolher máscaras sociais apropriadas a determinadas situações para todos os comportamentos. Existindo regras que nos limitam a agir de determinada forma. A manifestação ou tentativa de esconder as “verdadeiras” intenções do seu comportamento dos demais, pode revelar que “Às vezes seu coração pode não estar onde a ocasião social exige que esteja” (GOFFMAN, 2010:47) A partir dessa situação teatralizamos comportamentos dentro do esperado nas situações. Em campo, algumas narrativas de mães em luto intenso, a mais de dois anos, dizem realizar essa estratégia “para estar viva no mundo, sem estar.”

O luto que demora anos ao invés de meses é uma maneira desta mãe, nesta situação de violência específica

responder a exigência social do Serviluz que diz que “mãe é a que cuida e a que não abandona os seus filhos.”⁷ parece nessa chave interpretativa que o luto “exagerado” destas mães é uma forma delas demonstrarem a sua culpa consciente ou inconsciente. Elas se autoavaliavam como uma “mãe perfeita”, porém, ela culpa o marido de ter sido um péssimo pai, corresponsabilizando a sociedade e os amigos dos filhos por sua morte.

Marcel Mauss (1979) fala sobre a expressão dos sentimentos das pessoas de luto. Para ele, no ritual fúnebre há a demonstração obrigatória dos sentimentos por meio de modos específicos de apresentar a sua dor para a coletividade. O sentimento de luto composto pela angústia, tristeza e solidão é aprendido e vive sujeito às regras específicas de cada grupo e contexto social⁸. O luto que se prolonga ou que se acaba dentro de meses é produto da sociedade que delimita o que é o certo e o esperado pela vida social. Em referência ao campo biológico espera-se que os mais novos enterrem os mais velhos, mas o que ocorre na esfera social quando o ciclo de vida de um jovem é interrompido por um assassinato? Como a sociedade espera que essa mãe se relacione com sua perda e com os outros que ficaram?

Referências bibliográficas

⁷BANDITER (1985) analisa o amor materno assim como qualquer outro sentimento passível de sofrer transformações, sendo mais ou menos valorizados conforme o contexto social, podendo receber influências das mudanças que ocorrem nos costumes e aspectos sociais, políticos, econômicos, científicos e filosóficos. Ela desconstrói o caráter natural da maternidade e do amor materno, relevando as relações de saber e poder incorporados nos discursos e práticas dos agentes e o papel de mãe que fora historicamente atribuídos à mulher.

⁸ÁRIES (1990) realizou um estudo que descreve às diversas manifestações do luto e do sofrer da perda de parentes e conhecidos ao longo dos séculos.

ABU-LUGHOD, Lila & C. Lutz. *Language and the politics of emotion*. Princeton University, New Jersey, 1990.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FVG editora, 2005.

ÁRIES, Philippe. *O homem perante a morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1990.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAILEY, F.G. *Gifts and poison: the politics of reputation*. Oxford: Basil Blackwell, 1971.

BARREIRA, Irllys. Política, memória e espaço público: a via dos sentimentos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 16, n. 46. São Paulo: 2001.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudo de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009a.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009b.

COELHO, Maria Cláudia. As emoções e a ordem Pública: uma investigação sobre modelos teóricos para a análise sócio-antropológica das emoções. *Anais da 27ª reunião brasileira de antropologia*. Belém, 2010.

COELHO, Maria Cláudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. *Revista Mana*, n.16, pp. 265-285, 2010.

ELIAS, Nobert. *Sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2001.

ELIAS, Nobert. *Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

- ELIAS, Nobert. *O processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2011.
- ELIAS, Nobert e SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: vozes, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: edições Graal, 2011a.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2011b.
- FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- GOFFMAN, Erving. The interection order. *American Sociological Review*, vol. 48, February (1-17), 1983.
- GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: vozes, 2013a.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*, Petrópolis: Vozes, 2013b.
- KOURY. A dor como objeto de pesquisa social. *Revista Ilha*, v.1, n.1, pp 73-83, 1999.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro e SCRIBANO, Adrián. Sociologia e antropologia dos corpos e das emoções. *RBSE – Revista brasileira de sociologia das emoções*, n.33, pp. 646-652, 2012.
- LUTZ, Catherine. Antropologia com emoção. *Mana*, v. 18, pp. 213-224, 2012.
- LUTZ, Catherine. *Unnatural Emotions, Everyday Sentiments on a Micronesian Atoll and Their Challenge to Western Theory*. University Chicago Press, 1988.
- MAUSS, Marcel. Antropologia de Marcel Mauss. In: Cardoso de Oliveira (Org.) *Marcel Mauss*. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo, Ática, 1979.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989.
- REZENDE, Cláudia Barcellos & COELHO, M. Cláudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ROTTGER-ROSSLER, BIRGITTI. Emoção e cultura: algumas questões básicas. *RBSE – Revista brasileira de sociologia das emoções*, vol. 7, n.20, pp. 177-220, 2008.
- SARTI, Cynthia. A dor, o individuo e a cultura. *Revista saúde e sociedade*, n.10, pp. 3-13, 2001.
- VENNA, Das. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas Wittgensteinianos. *RBSE – Revista brasileira de Ciências Sociais*, vol. 14, n. 40, 1999.
- VENNA, Das. Violência e tradução. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia das emoções*, n. 18, pp 435-444, 2007.
- VENNA, Das. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos PAGÚ*, v. 37, pp. 9-41, 2011.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência Homicídios e juventude no Brasil*. Governo federal do Brasil: Brasília, 2013.

Abstract: Mrs. Ana, 65, slum resident, today mourns the death of his murdered son. Routine Dona Ana after two years of his son's death allows us to see the way she experiences and sees the pain and suffering of losing his son in violent situations. This feeling is shared by several mothers in mourning situation, like her, that communicate due to, among other situations, they are relatives, friends, neighbors, known and sometimes grew up together. They interact as a mother in mourning by pain resulting from loss, forming a micro-network of social and symbolic interactions (GOFFMAN, 1983) which takes place mainly through informal conversations and gossip practices (BAILEY, 1971). Communication between mothers grieving is limited, sometimes truncated and marked by silences (VENNA DAS 1999). One reason for this is that in some cases the children of a killed the children of others. Homicides of these young people are part of a network of homicides that are fed by the feeling of revenge. In this context, our goal is to analyze how mothers because of their dead children killed in death by firearms violence situation, experience, and experience represent mourning forming an informal network of mothers who works as a liaison approaches and disputes there between. The locus of our research was the *Serviluz*, located in the Quayside district in Fortaleza, CE, where we conducted an ethnographic research during the year 2014. **Keywords:** killer mothers, murdered mothers, pain, micro-network mothers

